

Sartre e Mauss

Sartre and Mauss

Simeão Sass

<https://orcid.org/0000-0001-6390-7089> – E-mail: simeaosass@gmail.com

RESUMO

O presente estudo analisa as relações entre Mauss e Sartre. Investiga, principalmente, as conexões entre a obrigação de retribuir um presente recebido e as consequências deste ato simbólico para a elaboração de uma moral considerada como fato total. A liberdade se destaca, neste contexto, como valor fundamental.

Palavras-chave: Doação. Retribuição. Liberdade. Valor.

ABSTRACT

The present study analyzes the relations between Mauss and Sartre. It investigates, primarily, the connections between the obligation of reciprocating a gift and the consequences of this symbolic act, to elaborate a morality deemed as a total fact. Freedom stands out, in this context, as a fundamental value.

Keywords: Donation. Retribution. Freedom. Value.

Introdução

As relações entre o pensamento de Mauss e de Sartre não são estudadas de modo sistemático. Mauss foi um dos mais expressivos intelectuais de sua geração. Influenciou diversas áreas do saber e foi um dos expoentes da constituição da sociologia como ciência. Sua teoria do dom foi estudada por inúmeros economistas, filósofos, antropólogos, sociólogos e humanistas. As intuições que sua obra principal representou para a economia, moral, filosofia e tantas

outras ciências ainda estão por serem deslindadas em sua profundidade. Sartre dedicou algumas reflexões ao pensamento de Mauss e sobretudo ao conceito de *Potlatch*.

Estudaremos alguns dos conceitos de Mauss para identificar o modo como Sartre interpretou sua teoria e como, apesar das críticas que ele elaborou aos princípios do sociólogo francês, destacou a validade de suas descobertas. Identificaremos também como as perspectivas morais explicitadas por Mauss podem ser aproximadas das noções sartrianas e como a própria moral existencialista pode encontrar na teoria do dom elementos para sua formulação. A conexão entre generosidade e liberdade mostra-se como um ponto de partida importante desta correlação entre os dois pensadores.

A teoria de Mauss

Alain Caillé, no artigo “Nem holismo nem individualismo metodológicos” (1998), resgata a importância da obra de Mauss para a Sociologia contemporânea. Demonstra, igualmente, a importância do sociólogo e etnólogo francês para o pensamento contemporâneo. Destaca, dentre os principais temas, a “natureza do simbólico e de sua ligação com a obrigação de dar” (CAILLÉ, 1998, p. 2). Um dos aspectos importantes da biografia de Mauss que devemos ressaltar é seu envolvimento com o “socialismo associativo” (CAILLÉ, 1998, p. 2). Outro aspecto marcante de sua produção intelectual é a importância dada ao que se denomina concreto. “Ninguém é mais atento do que ele ao concreto e ao fato de este extrapolar todas as categorias que sobre ele lançamos” (CAILLÉ, 1998, p. 2). Como esclarece Caillé:

[...] não é apenas devido a uma mera dificuldade epistemológica que nossos conceitos tropeçam na tentativa de se adequarem ao real mas, de modo muito mais profundo, porque tudo na realidade que tentam apreender está em luta declarada contra eles. Ora, a dádiva só existe na mágica do que é indissociavelmente a negação e a denegação da troca e do interesse (CAILLÉ, 1998, p. 2).

Estes aspectos da vida e da obra do autor devem ter chamado a atenção de Sartre. Abordaremos, neste momento da investigação, alguns aspectos da teoria do dom de Marcel Mauss. Tal abordagem elucidará algumas relações entre dom e liberdade que aproxima o sociólogo do existencialista.

Na obra mais importante de Mauss, *Ensaio sobre a dádiva* (2003), na Introdução, formula-se o problema central: a obrigação de retribuir presentes. Das citações do *Havamál*, poema do *Eda* escandinavo que o autor usa como epígrafe de sua obra, destacamos dois versos: “Os homens generosos e valorosos têm a melhor vida; não sentem temor algum” (MAUSS, 2003, p. 187). “Um presente dado espera sempre um presente de volta” (MAUSS, 2003, p. 187). Segundo o autor, “na civilização escandinava e em muitas outras, as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos” (MAUSS, 2003, p. 187).

A generosidade e a retribuição de presentes parecem ser aspectos secundários das tradicionais teorias sociológicas e antropológicas. As principais especulações dos formuladores destas ciências preocuparam-se com métodos, conceitos e teorias gerais. A abordagem de Mauss valoriza aspectos das humanidades que nem sempre se colocam como centrais quando se pretende desvelar a essência do humano ou as estruturas de sua organização social.

Mas, o problema colocado pelo sociólogo revela sua importância no contexto de uma releitura de inspiração marxista e socialista de questões clássicas da economia e da moral. Em uma

cultura capitalista e materialista, como a nossa, principalmente a ocidental contemporânea, a acumulação, a compra e a venda de objetos, aparentemente, revestem-se de significado objetivo e claro. Comprar é possuir e acumular objetos. Mesmo quando se pensa em uma relação afetiva, dar um presente pode encerrar um ato de entrega de objetos que podem servir para que outros sejam recebidos em troca. Esta troca de “mercadorias”, frequentemente, é tomada como relação comercial ou, no melhor dos casos, como manifestação de amizade ou afeto, mas ainda assim, como uma relação material. É esta relação que Mauss interroga. E, mais do que isso, visa aprofundar seus aspectos simbólicos. Um dos elementos mais importantes desta discussão situa-se na dimensão simbólica do ato de dar algo a alguém. Foi a valorização da dimensão simbólica do ato de doar que despertou em Sartre o interesse pela teoria de Mauss.

A simbologia do ato de presentear guarda diferentes sentidos quando pensamos em diferentes culturas. Estas diferenças serviram a Mauss para questionar o modo de vida da civilização capitalista ocidental contemporânea. Estudando culturas não ocidentais, sobretudo distantes do modo de vida francês, ele identificou relações sociais e materiais nas quais a materialidade do objeto não se esgotava em seu valor de troca. Ele observou que em algumas culturas ditas “menos evoluídas” o ato de doar presentes e realizar casamentos entre famílias era um modo de estabelecer acordos que evitavam guerras e conflitos entre tribos e grupos humanos. Em outras palavras, o ato de doar grandes quantidades de presentes ou celebrar casamentos entre membros de líderes de distintas sociedades tribais tinham a intenção de obrigar quem recebia o dom a retribuir. Esta obrigação criavam a relação de compromisso que selava acordos e unia grupos que eram rivais.

O sentido desafiador e beligerante ainda era mantido, mas a violência desaparecia. A “guerra” era travada como desafio de doar mais. Tais procedimentos diferiam muito da “lógica” da acumulação das sociedades capitalistas tradicionais. Estas sociedades pautadas pela dádiva, coexistiam temporalmente com aquelas do capitalismo tradicional. Fato que demonstra ser as relações materiais capitalistas uma das mais importantes, mas, certamente, não a única maneira de se organizar sociedades.

Outro aspecto da teoria de Mauss que interessou a Sartre foi a relação entre doação e liberdade. Alain Caillé afirma que a obrigação de retribuir um presente recebido significa essencialmente “uma obrigação de liberdade” (CAILLÉ, 1998, p. 6). Segundo Caillé,

[...] substituir o determinismo objetivista por uma determinação pela liberdade ou, melhor dizendo, pela obrigação da liberdade, implica, evidentemente, e para formulá-lo em termos já convencionais, por demais convencionais, que se deixa de apenas tentar explicar a relação social, para poder compreendê-la e interpretá-la (CAILLÉ, 1998, p. 6).

É a ambiguidade que se estabelece entre obrigação e liberdade, interesse e desinteresse, típica da teoria de Mauss, que chama a atenção de Sartre, pois o seu existencialismo visa manter esta tensão entre os polos contrários como o centro das relações humanas. A concretude da teoria estaria nesta ambiguidade.

É esta ambiguidade que caracteriza também a perspectiva ética dos dois pensadores. Caillé demonstra claramente que o

[...] mero fato de sugerir que nenhuma sociedade humana poderia edificar-se exclusivamente sobre o registro do contrato e do utilitário, insistindo, ao contrário, em que a solidariedade indispensável a qualquer ordem social só pode surgir da subordinação dos interesses materiais a uma regra simbólica que os transcende, essa postura crítica já lança sobre os assuntos humanos uma luz singular e poderosa. Que não tinha, e ainda não

tem, equivalente nem na economia política nem nas filosofias políticas contratualistas e/ou utilitaristas (CAILLÉ, 1998, p. 8).

A liberdade, tanto em Sartre quanto em Mauss, surge associada ao ato de generosidade. Ser livre e respeitar a liberdade alheia são dois aspectos do compromisso que se firma quando dois seres humanos se respeitam enquanto livres. A doação generosa compromete aqueles que estão em relação de partilha. Doar livremente é ato de compromisso mútuo.

Esta obrigação paradoxal que compromete e estabelece a liberdade compartilhada é o “antiutilitarismo prático” que pode servir para uma moral possível. Assim, a obrigação de retribuir, como símbolo da liberdade comprometida e socialmente referenciada, poderia se sobrepor ao contrato das típicas relações materiais entre dois cidadãos. Não é mais a propriedade privada que define o indivíduo e as relações sociais, é a solidariedade e a generosidade que se revestem de ato livre e comprometido.

Como revela Caillé, a moral proposta por Mauss é uma aposta¹:

[...] o único meio de criar a confiança e moldar a relação social, é tentar a aposta da dádiva. Pois, como se vê claramente [...], só pode ser uma aposta. Pois é, de fato, unicamente numa situação de incerteza estrutural que o problema da confiança e da tessitura do laço social se coloca (CAILLÉ, 1998, p. 11).

Ao contrário das sociedades capitalistas tradicionais, baseadas na desconfiança e na violência, as relações centradas na doação visam superar a guerra pelo compromisso da generosidade. Esta relação, por ser simbólica, não é garantia incondicional de paz. Aliança e confiança são apostas, que podem ou não serem confirmadas. Esta condição “metaestável” é inerente ao modo de ser humano. A certeza de que a posse se efetiva pelo regime de direito privado, ao contrário do que possa parecer, também está pautada pela confiança, mas reveste-se de uma falsa segurança. A confiança solicitada entre os seres humanos pode ser o remédio, mas também pode ser o veneno. Todo contrato pode ser rompido unilateralmente, mesmo que a punição ocorra.

O que a teoria da dádiva pressupõe como condição de vida social, ou seja, a solidariedade, as relações materiais e jurídicas, por outro lado, pensam conquistar de forma estável pela obrigatoriedade de cumprimento de contratos. Ocorre que o desrespeito aos contratos e a quebra de confiança são sempre possibilidades. Apostar na aliança entre rivais ou assinar um contrato entre dois negociadores resulta no mesmo ato de confiar que a outra parte cumprirá o prometido. Em suma, tanto o contrato quanto a doação estão baseados na liberdade que as partes assumem de agirem corretamente. Contrato jurídico e doação são apostas, a primeira travestida de lei, a segunda consciente de sua precariedade. “A aposta da dádiva é, de fato, intrinsecamente paradoxal, já que apenas a gratuidade demonstrada, a incondicionalidade, são capazes de selar a aliança que beneficiará a todos e, finalmente, àquele que tomou a iniciativa do desinteresse” (CAILLÉ, 1998, p. 12).

Não devemos nos iludir, contudo, em relação a esse desinteresse. Mauss deixa bem claro: a doação é agonística, ela é uma guerra por outros meios, pois são relações entre grupos sociais rivais. Não há qualquer ilusão da existência de um reino de anjos em um paraíso perdido. A doação visa manter a tensão entre as partes sem que a solução para o conflito seja a guerra. Até porque a guerra sempre é uma possibilidade. Nunca há exclusão da possibilidade de que as rivalidades se degradem em agressão. O simbolismo do ritual *Potlatch* não se transforma em

¹ É possível afirmar que esta tese também pode ser aplicada ao pensamento de Sartre.

comportamento incondicional. Não há determinismo mecânico entre sociedades humanas. Essa é uma das teses centrais de Mauss: evento social é símbolo e não uma coisa.

O interesse no ritual de doação, portanto, é o resultado final do processo. Se as partes cumprirem o prometido na relação solidária o benefício será igual para todos. Há interesse, mas ele não é restrito ao possuidor do bem. O benefício almejado engloba tanto quem doa quanto quem recebe. Não há a intenção de obter o maior lucro individual, mas o bem comum que sela a abolição da guerra.

Na conclusão de sua obra, Mauss afirma:

[...] percebe-se como é possível estudar, em certos casos, o comportamento humano total, a vida social inteira; e percebe-se também como esse estudo concreto pode levar não apenas a uma ciência dos costumes, a uma ciência social parcial, mas inclusive a conclusões de moral, ou melhor - para retomar a velha expressão -, de "civilidade", de "civismo", como se diz agora. De fato, estudos desse tipo permitem entrever, medir, ponderar as diversas motivações estéticas, morais, religiosas, econômicas, os diversos fatores materiais e demográficos cujo conjunto funda a sociedade e constitui a vida em comum, e cuja direção consciente é a arte suprema, a *Política*, no sentido socrático da palavra (MAUSS, 2003, p. 314).

O alcance dos estudos realizados por Mauss envolve a interligação entre a teoria do símbolo, a moral e a política. Representa, igualmente, uma teoria instigante que ultrapassa os cânones da economia clássica e alguns preceitos do marxismo. Significa, igualmente, a tentativa de pensar em bases socialistas as relações entre seres humanos e suas organizações sociais. Vincula a moral e a política sem recair em moralismo ou ingenuidade. A proposta de Mauss, por fim, representa uma significativa contribuição para a sociologia que se quer científica sem ser cientificista.

Todas estas contribuições não passaram despercebidas a Sartre. Em diversos momentos de sua reflexão o existencialista debateu as teses e as consequências dos conceitos elaborados por Mauss. Veremos, a seguir, algumas dessas considerações.

Sartre: Dom e símbolo

Fabio Recchia, no artigo "Des heritages devenues concepts" (2017), explicita as vinculações entre a noção de *circuito de ipseidade* e três heranças teóricas: Heidegger, Bergson e Mauss. No presente estudo, vamos utilizar as reflexões de Recchia para indicar algumas relações entre Sartre e Mauss.

Recchia demonstra que Mauss, em conferência pronunciada em 1938, a partir do "étude des évolutions de la conscience sociale permettrait de clarifier les diverses significations liées à la notion d'identité personnelle" (RECCHIA, 2017, p. 101). Mais especificamente, defende-se a tese de que "chaque personnalité met en jeu l'ensemble de la société et ses institutions" (RECCHIA, 2017, p. 102). Esta tese pressupõe a vinculação totalizante entre a vida subjetiva e o indivíduo tomado em suas dimensões moral, social, mental e corporal. A personalização seria um dos aspectos dos "fatos sociais *totais*" (RECCHIA, 2017, p. 102). Em outras palavras:

S'agissant de la personne, il lui font donc réfléchir sur les composantes de ce fait social total, comme s'il se trouvait à la place de la personne étudiée ; et, en même temps, il a l'obligation, par la nature même de sa science, de mettre en question sa propre ipséité à partir des individualités interrogées dans son enquête ethnographique (RECCHIA, 2017, p. 103).

A partir dessas considerações iniciais, é possível identificar algumas preocupações epistemológicas comuns entre Sartre e Mauss:

Ainsi, comme Mauss, Sartre reconnaît que l'ipséité de l'être-pour-soi est un objet pluridimensionnel. Il admet en effet que ce circuit comprend à la fois les possibles, la facticité et le monde du pour-soi, c'est-à-dire toutes les déterminations physiologico-physiques, historiques et sociales, qui travaillent la subjectivité consciente pour la faire telle qu'elle est (RECCHIA, 2017, p. 104).

A psicanálise existencial sartriana, teria, em consonância com a antropologia maussiana, a preocupação de pensar a pessoa em relação inseparável com seu meio social, seu *ser-no-mundo*.

Como demonstra Recchia,

Au vu de ce qui vient d'être dit, on aura compris que l'invention de la psychanalyse existentielle ne tombe pas des nues, mais constitue, au contraire, un prolongement, voire une application pratique, des remarques de Mauss quant à la notion de fait social total. Bien sur, dira-t-on, le dispositif des psychanalyses existentielles intervient dans *L'Être et le Néant* au fil d'une critique de la pensée freudienne (RECCHIA, 2017, p. 104).

E o intuito sartriano de se aproximar da teoria de Mauss é pensar a ipseidade do *para-si* como compreensão e formulação da noção de *pessoa*.

Dans *L'Être et le Néant*, en effet, le psychanalyste est invité à traiter l'ipséité du pour-soi comme un fait social total. Car il reconnaît d'emblée sa pluridimensionnalité et l'analyse à partir d'un système d'interprétation, système dont le postulat de départ est que la personne met en jeu un phénomène de totalité; c'est-à-dire une situation sociale, mais aussi toutes les dimensions de conscience individuelle (RECCHIA, 2017, p. 105).

Abordaremos alguns aspectos da confluência entre Sartre e Mauss a seguir, destacando-se, sobretudo, as noções de *posse* e *doação-destruição* em *O Ser e o Nada*.

Sartre não analisa exaustivamente a obra de Mauss em *O Ser e o Nada* (SN). Contudo, ele trata do conceito de *Potlatch* que é um dos temas centrais da teoria do dom. Ao analisar as condutas de posse e destruição, Sartre afirma:

[...] ces remarques permettront de mieux comprendre le sens de certains sentiments ou comportements ordinairement consideres comme irréductibles ; par exemple, la *générosité*. En effet, le *don* est une forme primitive de destruction. On sait que le *potlatch*, par exemple, comporte la destruction de quantités énormes de marchandises. Ces destructions sont défi à l'autre, elles l'enchaînent. A ce niveau, il est indifférent que l'objet soit détruit ou donné à l'autre: de l'une ou l'autre manière, le *potlatch* est destruction et enchaînement de l'autre. Je détruis l'objet en le donnant aussi bien qu'en l'anéantissant; je lui supprime la qualité de *mien* qui le constituait profondément dans son être, je l'ôte de ma vue, je le constitue - par rapport à ma table, à ma chambre - en *absent* ; moi seul lui conserverai l'être spectral et transparent des objets *passés*, parce que je suis celui par qui les êtres poursuivent une existence honoraire après leur anéantissement. Ainsi la générosité est avant tout fonction destructrice (SARTRE, 1943, p. 640).

A atitude de doar e a própria generosidade são, para Sartre, condutas negativas de destruição:

Tout ce que j'abandonne, tout ce que je donne, j'en jouis d'une manière supérieure par le don que j'en fais; le don est une jouissance âpre et brève, presque sexuelle: donner,

c'est jouir possessivement de l'objet qu'on donne, c'est un contact destructif-appropriatif (SARTRE, 1943, p. 640).

Identifica-se, claramente, que é da teoria de Mauss que Sartre trata e, de modo específico, da identificação do dom como essencialmente conduta negativa. Mas, essa negatividade é também positividade, porque

[...] en même temps, le don envoûte celui à qui l'on donne, il l'oblige à recréer, à maintenir à l'être par une création continuée ce moi dont je ne veux plus, que je viens de posséder jusqu'à l'anéantissement et dont il ne reste finalement qu'une image. Donner, c'est asservir. Cet aspect du don ne nous intéresse pas ici, car il concerne surtout les rapports avec l'autre. Ce que nous voulions marquer, c'est que la générosité n'est pas irréductible: donner, c'est s'approprier par la destruction en utilisant cette destruction pour s'asservir l'autre. La générosité est donc un sentiment structuré par l'existence d'autrui et qui marque une préférence vers l'appropriation par destruction. Par là, elle nous guide vers le néant plus encore que vers l'en-soi (il s'agit d'un néant d'en-soi qui est évidemment lui-même en-soi, mais qui, en tant que néant, peut symboliser avec l'être qui est son propre néant). Si donc la psychanalyse existentielle rencontre la preuve de la *générosité* d'un sujet, elle doit chercher plus loin son projet originel et se demander pourquoi le sujet a choisi de s'approprier par destruction plutôt que par création. La réponse à cette question découvrira la relation originelle à l'être qui constitue la *personne* étudiée (SARTRE, 1943, p. 640-641).

Encontra-se nesta citação de SN a vinculação clara entre a teoria do dom de Mauss e as bases da psicanálise existencial de Sartre. E um dos aspectos importantes desta correlação é que a ambiguidade de dar e tornar o outro servil é própria da teoria de sartriana da negação. Pois a "obrigação de retribuir" é o núcleo da teoria de Mauss que se destaca na análise sartriana. É esta dialética entre ser generoso e obter o compromisso de outrem que os dois pensadores ressaltam em suas teorias. Mas, Sartre introduz nesta discussão um sentido mais profundo do ato de doar. Ele intenciona, a partir da conduta de generosidade, interpelar o *projeto original* daquele que destrói objetos pela doação, buscando compreender as razões desta escolha.

A generosidade, contudo, envolve outro aspecto importante da teoria sartriana. A questão do símbolo se destaca neste contexto. Sartre afirma:

Ces observations ne visaient qu'à mettre en lumière le caractère *idéal* du lien appropriatif et la fonction symbolique de toute conduite appropriative. Il faut ajouter que le symbole n'est pas déchiffré par le sujet lui-même. Cela ne vient pas de ce que la symbolisation se préparerait dans un inconscient, mais de la structure même de l'être-dans-le-monde [...] S'approprier cet objet, c'est donc s'approprier le monde symboliquement (SARTRE, 1943, p. 641-642).

Fica evidente que a compreensão da perspectiva simbólica da generosidade não se dá a partir do conceito de inconsciente, mas de ser-no-mundo. Igualmente fica estabelecido que o ato generoso não encerra em si uma relação simplesmente material com as coisas, ao contrário, implica um sentido transcendente das condutas humanas. É este sentido transcendente/simbólico que a psicanálise existencial sartriana visa decifrar. A escolha da generosidade somente pode ser compreendida em seu sentido profundo pela psicanálise existencial. Segundo Sartre:

Tout pour-soi est libre choix; chacun de ses actes, le plus insignifiant comme le plus considérable, traduit ce choix et en émane; c'est ce que nous avons nommé notre liberté. Nous avons maintenant saisi le sens de ce choix; il est choix d'être, soit directement, soit par appropriation du monde, ou plutôt les deux à la fois. Ainsi ma liberté est-elle choix d'être Dieu et tous mes actes, tous mes projets, traduisent ce choix et le reflètent

de mille et mille manières, car il est une infinité de manières d'être et de manières d'avoir. La psychanalyse existentielle a pour but de retrouver, à travers ces projets empiriques et concrets, la manière originelle que chacun a de choisir son être. Reste à expliquer, dira-t-on, pourquoi je choisis de posséder le monde à travers tel ou tel *ceci* particulier. Nous pourrions répondre que c'est là précisément le propre de la liberté (SARTRE, 1943, p. 645).

Fica evidente, portanto, que a ontologia de Sartre serve para identificar o modo de ser essencial da realidade humana. Ela é "**escolha de ser**". Tendo definido o modo de ser da realidade humana, Sartre visa, com a psicanálise existencial, compreender cada projeto individual como realização concreta e histórica deste modo de ser.

Após a análise de *O Ser e o Nada*, passaremos ao estudo das considerações de Sartre sobre o pensamento de Mauss na obra *Cadernos para uma moral*.

Não temos condições de analisar exaustivamente o modo como Sartre aborda o pensamento de Mauss na obra *Cadernos para uma moral*. Contudo, podemos indicar alguns temas por ele abordados nesta obra importantíssima. Sartre formula diversas considerações sobre o dom, a generosidade e o *Potlatch* nos *Cadernos*. Especificamente sobre o pensamento de Mauss os problemas abordados são: possessão da alma, obrigação de receber e doar, ambiguidade do dom, a alteridade, ordem humana extra-econômica, propriedade, fato total além de outros temas correlatos.

Dentre estes temas vamos destacar alguns aspectos importantes do conceito de *Potlatch*. O primeiro deles é a ambiguidade.

Mais remarquons l'ambiguïté du don car il s'agit aussi dans sa structure profonde d'une générosité qui fait paraître la liberté réciproque par double reconnaissance et l'essentialité de l'humain sur la destruction de l'univers. Autrement dit il y a double structure: 1° structure profonde de solidarité; 2° structure secondaire et manifeste d'asservissement réciproque de l'Autre par l'Autre, avec défi. De sorte que l'ambiguïté du Potlatch c'est qu'il laisse indécidé s'il est proposition d'amitié ou défi - et si l'Autre en face de moi est traité en ami ou en ennemi (SARTRE, 1983, p. 389).

Outros dois aspetos que destacamos do *Potlatch* são a liberdade e o amor. Sobre a liberdade, Sartre afirma:

L'ambiguïté vient de ce que l'on donne à la fois dans la liberté pour la liberté et pour affirmer l'essentialité de l'homme, et pour enchaîner, pour aplatir, pour limiter par un destin la transcendance de l'autre. Il ne s'agit pas de deux acceptions qui peuvent être envisagées successivement mais de deux aspects simultanés du don. La structure "libération-gratuité" est le noyau interne, "c'est la "conscience non-thétique (du) don". Même dans l'élément défi il y a la structure "contestation", c'est-à-dire que la structure essentielle et première de la contestation est la conscience non-thétique d'être ce que je ne suis pas et de ne pas être ce que je suis. Enfin la structure "Destruction-Création" fait paraître le double aspect de la liberté. Et ces trois structures: gratuité, contestation, détruire-crée, sont immédiatement compréhensibles par l'Autre sur le même plan de la conscience non-thétique (SARTRE, 1983, p. 389).

Sobre o amor, Sartre afirma:

D'autre part la conscience thétique est conscience braquée sui l'Autre dont je veux *arrêter* l'avenir inquiétant. Le Potlatch a une structure analogue à celle de l'Amour. Il ne cherche pas à détruire la liberté de l'autre mais à l'enchaîner ou plus précisément à ce qu'elle s'enchaîne d'elle-même.

Essas reflexões esparsas sobre os conceitos e a obra de Mauss, pensamos, podem servir para vislumbrarmos alguns problemas decisivos da moral, e da moral sartriana em particular. Sabemos que Sartre considera as formulações dos *Cadernos* excessivamente “idealistas”. Razão que pode ter determinado o abandono do projeto de uma moral construída a partir dos anos quarenta. Ocorre que Sartre jamais formulou outro projeto. Somos tentados a pensar na viabilidade de desenvolvimentos do que seria a moral esboçada por Sartre nestes *Cadernos*. Um caminho possível que vislumbramos é a aproximação entre Sartre e Mauss.

Um início de reflexão sobre a moral a partir destes dois pensadores poderia ser a seguinte tese: “Ainsi en un sens la propriété c’est l’Autre chez moi” (SARTRE, 1983, p. 391). Não podemos desenvolver tais teses aqui. Dedicaremos a este tema outro estudo.

Conclusão

O presente estudo abordou algumas relações entre o pensamento de Marcel Mauss e Jean-Paul Sartre. O intuito fundamental foi identificar como Sartre interpreta os conceitos centrais do sociólogo francês tendo em vista a fundamentação da ontologia, da moral e da psicanálise existencial. Para estabelecer estas relações realizou-se, inicialmente, a identificação do principal problema abordado por Mauss: a obrigação de retribuir um presente recebido. Identificaram-se alguns temas semelhantes entre os dois pensadores: a preocupação com a concretude, a valorização do estilo ensaístico na elaboração de teorias, a centralidade do conceito de pessoa, a importância da relação entre este conceito e a dimensão social da existência, a tentativa de elaborar princípios fundantes de uma moral, a identificação do caráter ambíguo da existência humana em suas relações de apropriação e destruição de bens, a relação intrínseca entre a generosidade e a liberdade.

Em um primeiro movimento, realizou-se a identificação do problema da retribuição, a análise dos conceitos de contrato e, principalmente, do caráter simbólico do ato de doar. Ressaltou-se também a ambiguidade da cerimônia de *Potlatch* em seu duplo aspecto: doação e desafio. Segundo Mauss, a doação é um desafio que guarda as mesmas tonalidades da guerra, com a diferença de ver abolida a violência. Nesta mesma perspectiva, a doação e o pacto de não agressão mostraram-se em seu caráter de aposta. Identificou-se, por outro lado, a diferença entre a noção de contrato da teoria econômica liberal e a perspectiva solidária do pacto de doação, uma clara contribuição ao modo como o socialismo associativo pode abrir caminho para a reelaboração das relações sociais.

Todos estes aspectos da teoria de Mauss repercutiram no pensamento de Sartre, como observamos, em sua ontologia, em sua moral e em sua psicanálise existencial. Nestas considerações finais destacaremos as consequências da teoria de Mauss para a moral sartriana.

O tema da moral no pensamento sartriano é, como ele próprio afirma, “necessário e impossível”. Necessário porque todos os atos humanos estão inseridos no dilema da liberdade e das determinações. Impossível porque a moral solicita um princípio universal que nunca pode ser estabelecido de forma definitiva. Consideramos que as intuições propostas nos *Cadernos para uma moral* podem sugerir linhas de investigação promissoras. É fato que estes cadernos foram abandonados por Sartre e publicados após sua morte. Constituem um conjunto de reflexões desenvolvidas de forma incompleta e apesar de terem duas formulações básicas que estão divididas em duas partes, não fornecem uma visão de conjunto da proposta de uma moral existencialista. Contudo, as formulações posteriores sobre a moral publicadas ou escritas por Sartre apontam elementos mais esparsos ainda, indicando que não houve evolução satisfatória.

Consideramos que as discussões elaboradas nos *Cadernos* abrem a perspectiva para especulações acerca da possibilidade de uma moral concreta fundada na existência histórica. A **liberdade**, como noção central do pensamento sartriano, evidentemente, é a coluna vertebral desta moral. Neste sentido, a obra romanesca sartriana, ao discutir a liberdade em situação, representa uma primeira formulação desta moral. Porém, a ontologia e a psicanálise existencial são os órgãos vitais deste corpo que deve ser tratado, na expressão de Mauss, como um fato total. A ontologia sartriana define a realidade humana como “desejo de ser”, a psicanálise existencial formula o método de investigação concreto que explicita e compreende o modo como este desejo se realiza em um projeto pessoal e histórico.

As intuições dos *Cadernos*, ao menos nas considerações que identificamos no presente estudo, comentando a obra de Mauss, lançam luzes acerca do modo como a materialidade pode ser pensada nesta perspectiva moral. Para elucidar as relações entre a **pessoa** e as **determinações sociais**, no fato total que liga o indivíduo e o seu mundo, o modo como esta pessoa lida com a materialidade pode ser um caminho para se compreender a ambiguidade das relações materiais e simbólicas que constituem a existência social.

Se, como afirma Sartre nos *Cadernos*, “em um sentido, a propriedade é o Outro em mim” (SARTRE, 1983, p. 391), como pensar as relações de posse em um mundo determinado pelas relações materiais, no qual somos o que temos? Como pensar esta propriedade se as relações humanas são igualmente permeadas pelo simbólico? Se ter, ser e fazer são as maneiras pelas quais a realidade humana existe no mundo, como pode o simbólico permanecer uma dimensão essencial desta mesma humanidade? Estes problemas indicam que os *Cadernos* podem servir de fio condutor para a problematização de uma moral que esteja fundada na existência mundana, como fato total.

Referências

CAILLÉ, A. “Nem holismo nem individualismo metodológico”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, p. 5-37, out./1998.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

RECCHIA, F. “Des heritages devenues concepts”. *Revista Ética e Filosofia Política*, v. 1, n. XX, p. 88-109, jun./2017.

SARTRE, J.-P. *Cahiers pour une morale*. Paris: Gallimard, 1983.

SARTRE, J.-P. *L'Être et le Néant*. Paris: Gallimard, 1943.

Sobre o autor:

Simeão Sass

É docente titular da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atua na Graduação em Enfermagem e leciona no curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UNIFESP. Docente do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CEHFI) da Escola Paulista de Medicina. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Doutor em Filosofia pela Universidade

Estadual de Campinas (2002). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal de São Carlos (2007) pesquisando a teoria das emoções. Autor do livro *O Problema da totalidade na ontologia de Jean-Paul Sartre* (2011). Publicou também ensaios e artigos sobre o pensamento de Sartre e pensadores contemporâneos. Prepara a publicação do livro *A Antropologia de Sartre*. Tem experiência na área de Filosofia Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Pensamento Contemporâneo Francês (Bergson, Sartre e Pierre Janet), Teoria das emoções (Minkowski, Goldstein, Lewin, Laing), hermenêutica e conexões entre Filosofia e Psicologia. Pesquisa atualmente a abordagem narrativa e suas conexões com a Filosofia e a Psicologia. Membro do GT de Fenomenologia da ANPOF. Coordenador do Grupo de estudos Fundamentos Filosóficos da Psicologia. É membro da Red Iberoamericana en Filosofía Política. Integra o grupo de estudos do CNPq Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde. Diretor da Revista Internacional de Humanidades Médicas.

Recebido em: 01/09/2023

Received in: 01/09/2023

Aprovado em: 01/10/2023

Approved in: 01/10/2023